

Resenha de: CAMPOS, Raquel Discini de. **Mulheres e Crianças na Imprensa Paulista (1920-1940): educação e história**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009, 223 p.

Ellen Karin Dainese MAZIERO<sup>1</sup>

A obra *Mulheres e Crianças na imprensa paulista (1920-1940)*, da historiadora Raquel Discini de Campos, é resultado de uma tese de doutorado em educação defendida em 2007 na Faculdade de Letras da Unesp em Araraquara, com orientação da pesquisadora em educação e livre-docente Rosa Fátima de Souza. As pesquisas da autora sobre a história da educação no interior do estado de São Paulo, utilizando jornais antigos, tiveram início em março de 2001, originando primeiramente o livro *A “princesa do sertão” na modernidade republicana: urbanidade e educação na Rio Preto dos anos de 1920*, publicado em 2004. Diante da riqueza do material analisado, Campos estendeu as suas pesquisas a outros impressos produzidos não apenas em São José do Rio Preto, mas em toda região conhecida como Araraquarense, que compreende principalmente as cidades de Rio Preto, Mirasol, Araraquara e Catanduva (nomes escritos conforme a grafia da época), mote do livro, objeto desta resenha. Nesta obra, trabalhando com o fundamento teórico de representação, a autora pretende mostrar como os jornais da região da Araraquarense apreenderam a mulher, vista como educadora natural, e a criança, sujeitos diretamente ligados à educação. A tese da autora é a de que os jornais da região Araraquarense foram importantes instrumentos de formação e educação da população do noroeste paulista, e por isso constituem fontes privilegiadas para o estudo das representações sociais que circularam na região.

Na introdução a autora estabelece uma reflexão, entre outras coisas, sobre o ofício do historiador e, sobretudo, a noção de fonte histórica enquanto construção social e portadora de representações. A partir dessa discussão, Campos mostra como os jornais tentaram construir um leitor idealizado, possível a partir da similaridade entre a imagem transmitida pelo enunciador e a visão de mundo do leitor, estabelecendo assim um contrato de confiança. A autora preocupa-se em demonstrar ao leitor a validade do estudo de história da educação por intermédio dos jornais, tendo em vista que a educação se realiza por diversas instâncias, não se restringindo

---

<sup>1</sup> Ellen Karin Dainese Maziero é mestrande em História pela Faculdade de Ciências e Letras –UNESP – Assis/SP – Brasil – Bolsista CAPES – email: ellendm8@hotmail.com

ao ambiente escolar ou às publicações específicas destinadas a alunos e professores. Dessa forma, justifica o seu trabalho mostrando que a utilização dos jornais como fonte significa em última análise desvendar um universo cultural e educacional mais amplo. O núcleo documental trabalhado pela autora é constituído dos principais matutinos das cidades de Catanduva, Rio Preto e Mirasol, das décadas de 1920 e 1930, como o *Correio de Mirasol*, *A Notícia*, *O Município*, *A Cidade*, *Diário da Araraquarense*, *Folha de Rio Preto*, além de fotografias antigas e álbuns comemorativos. Embora mencione desde o início do livro o tipo de fonte utilizada, a autora deixa claro apenas na metade do primeiro capítulo os nomes dos jornais trabalhados em seu estudo.

A obra é dividida em quatro capítulos, sendo dois deles dedicados exclusivamente à mulher e um às crianças. No primeiro capítulo, *A emergência da Araraquarense no cenário nacional*, a autora procura historicizar a região da Araraquarense, analisando-a com base no próprio desenvolvimento do estado de São Paulo. O café foi o principal produto responsável pelo crescimento do estado paulista, chegando à Araraquarense na segunda metade do século XIX e início do século XX, tornando a região a mais produtiva do estado nas décadas de 1920 e 1930. O nome da região originou-se da ferrovia Araraquarense, que cortava o território no período e cujo surgimento se deu com o prolongamento dos trilhos da Cia. Paulista que tinha como ponta de trilho a cidade de Araraquara desde 1885. A ferrovia passava por Taquaritinga, Catanduva, Rio Preto, Mirasol e por diversas cidades pequenas até chegar a Porto Taboado, na fronteira com o Mato Grosso. As ferrovias serviam para transportar pessoas, escoar a produção cafeeira, identificar moradores de uma determinada região, bem como trazer e levar notícias de diversos lugares. Destaca-se uma nova sociabilidade com a chegada de trens, correios, telefones, jornais e revistas, entre outros, que moldaram uma nova forma de convívio social. É nesse contexto que Campos discorre sobre o surgimento dos jornais regionais, instrumentos de formação e informação da população da Araraquarense, e responsáveis por vincular cotidianamente opiniões sobre diversos temas, contribuindo para a difusão de um determinado imaginário social.

A autora interpreta que os discursos dos jornais da região Araraquarense apresentavam consonância com aquilo que era produzido e difundido em periódicos de grande circulação nacional como, por exemplo, *O Estado de S. Paulo*. Propagavam ideais de progresso e civilização, além de proporem projetos reformadores para a região. Desse modo, os jornais da Araraquarense chamavam para si a

responsabilidade de educar e moralizar o leitor, sendo portadores de representações que atendiam aos interesses de determinados grupos sociais.

As representações da mulher são tratadas em detalhe nos capítulos 2 e 3, nos quais Campos procura apreender o modo como estas foram arquitetadas na imprensa paulista, discutindo assuntos como o papel tradicional de rainha do lar-esposa-mãe e os atributos de beleza intrínsecos à natureza feminina, questões estas que remetem à própria discussão de gênero e às relações históricas construídas socialmente. No segundo capítulo, denominado *O universo feminino em debate*, a autora mostra como o tema “mulher” tornou-se foco de atenção de diversos segmentos da sociedade, como os formados por médicos, jornalistas, padres e literatos. O “mundo feminino” aparecia cotidianamente nos jornais interioranos por meio de contos, textos informativos, propagandas, poemas, notícias rápidas e artigos. Devido às transformações pelas quais passava a sociedade, incluindo a proliferação dos meios de comunicação e a industrialização acelerada, a mulher ocupou cada vez mais os espaços públicos e o mercado de trabalho. Contudo, ao longo das décadas de 1920 e 1930, as profissões vistas como majoritariamente femininas, como docente, enfermeira e telefonista, eram consideradas uma extensão pública dos papéis socialmente atribuídos a elas, uma vez que requeriam paciência e sensibilidade, atributos considerados naturais à essência feminina.

Raquel Campos expõe que os jornais da Araraquarense ressaltavam a importância da mulher na edificação de um lar feliz, e contribuíram para difusão daquilo que era considerado o seu papel natural, relacionado à “missão de ensinar” - entendida como atividade complementar e não uma forma de emancipação. Utilizando propagandas veiculadas pelos jornais e fotografias dos álbuns de comarca a que teve acesso, a autora realiza diversas análises a respeito das representações da mulher, demonstrando através dessas fontes o modelo de família idealizado, composto por esposas afetivas, belas, castas e instruídas, e maridos trabalhadores e com hábitos regrados. Essas constatações são demonstradas através de propagandas como as da Quaker, que sugerem uma família onde a mulher é responsável pelo bem-estar familiar e pela saúde e sucesso público dos filhos.

A respeito dos conteúdos publicados sobre o tema “mulher”, a autora destaca como os médicos tiveram um papel importante na elaboração de discursos sobre o sexo feminino, uma atividade colaborativa ao objetivo do Estado Nacional de normatizar a sociedade por meio do aconselhamento às mulheres. Nesse sentido, esses profissionais defendiam o casamento, o amor racional, a maternidade e a

amamentação, investindo a mulher, enquanto mãe zelosa e esposa dedicada, de um papel fundamental na edificação da nação. No entanto, embora a maternidade fosse colocada como destino inegável das mulheres, o discurso feminista que eclodia nas décadas de 1920 e 1930 manifestava-se na discordância dos periódicos do sertão a respeito da participação da mulher nos espaços públicos: enquanto determinados jornais regionais viam com bons olhos a sua participação ativa no meio social, ajudando a evitar a corrupção com sua bondade e virtude, desde que isso não prejudicasse o seu papel natural de esposa e mãe, outros debochavam claramente do movimento feminista organizado, entendido como uma ameaça à família e ao Estado Nacional.

A autora aborda no terceiro capítulo, *A beleza da mulher paulista*, uma temática comum ao universo feminino das décadas de 1920 e 1930, sobretudo nas classes média e alta - a beleza e o encanto natural do sexo feminino - transmitindo a idéia de que a preocupação das mulheres com a beleza estava relacionada ao sexo oposto e não a si mesmas, o que revelaria que a sua identidade pautava-se para o olhar alheio. Em suas propagandas e matérias relacionadas à moda, estética e beleza, os periódicos trabalhados pela autora defendiam que a verdadeira beleza era aquela que realçava a naturalidade da mulher, e estava aliada a um conjunto de comportamentos, como o saber andar, falar e comportar-se. A “justa medida” era o que se esperava de uma mulher elegante, e isso era anunciado como disponível a todas as mulheres, desde que amparadas pelas regras do bem-vestir divulgadas pelos jornais. A fim de promover esses valores no público feminino, os periódicos divulgavam amplamente os concursos de beleza, que mobilizavam as candidatas para a busca de um conjunto de qualidades como beleza, simpatia e nobres sentimentos. Acreditava-se que a moda possuía um papel educador, contribuindo para a melhoria da aparência feminina e o aperfeiçoamento da raça.

Ainda no mesmo capítulo, são discutidos outros ideais amplamente difundidos no empreendimento educador dos periódicos, como o repúdio à obesidade feminina, considerada como sinônimo de excesso, desleixo e feiura, e apontada como causa comum de separações conjugais. A análise de Campos sobre esse elemento remete mais uma vez ao ideal da “justa medida”, tão em voga na época, bem como ao culto da esbeltez e da juventude. Ao tratar sobre a velhice, baseando-se na bibliografia especializada sobre o assunto, a autora traça as mudanças que a imagem do idoso sofreu nos séculos XIX e XX, que trouxeram a “desvalorização do velho” e a associação negativa de sua imagem ao tradicionalismo e a tudo aquilo que havia de

mais atrasado na sociedade. Tanto o tema da velhice como o da obesidade foram discutidos pelos jornais como pertencentes unicamente ao universo feminino, constituindo, conforme aponta a autora, uma questão de gênero, pois, por exemplo, enquanto os homens continuavam ativos em seus negócios até idades avançadas, mantendo a sua importância social, as mulheres estariam fadadas à exclusão, ainda mais se fossem viúvas ou solteiras.

Após tratar sobre as mulheres no segundo e terceiro capítulos, a autora passa a discutir no seguinte, denominado *Crianças do interland*, as representações da infância nos jornais regionais, abordando assim o segundo sujeito social entendido como diretamente relacionado à educação. Ao analisar os periódicos a autora percebeu a recorrência de dois tipos opostos de representações infantis, definidas conforme a classe social do indivíduo: o primeiro referente a uma criança pura e sem contradições, e o seguinte a um menor infrator, vicioso e vagabundo. A fim de esclarecer o tema, recorre à noção de construção cultural e social da infância, conforme trabalhado por Philippe Ariès na obra *História social da criança e da família*. Retomando essa e outras discussões, a autora mostra o papel do cristianismo para a disseminação da idéia de pureza e singularidade da infância, e dos iluministas, para o entendimento de que a criança pura e educada seria responsável pela construção do futuro da nação. As regras de civilidade difundidas a partir da Idade Moderna visavam o controle dos sentimentos e a disciplinarização dos corpos, sendo que a escola e a família passaram a ocupar um papel importante na civilização dos mesmos. Nesse sentido, diz que subjacente aos periódicos do sertão estava a crença de que a infância era o momento ideal para que fossem desenvolvidos nas crianças o caráter, a razão e a moralidade.

Analisando o primeiro grupo de representações de crianças, Campos aponta que no Brasil foi após a proclamação da República que estas adquiriram o status de edificadoras da nação, e que a partir de então uma maior preocupação passou a ser dedicada à sua instrução e bem-estar, o que se refletiu no número de ocorrências de sua participação em propagandas e discursos veiculados nos periódicos da Araraquarense. Nestes, o trabalho era exaltado como dever de todos, inclusive das crianças, que deveriam desempenhar funções conforme a faixa etária e grupo social de que fizessem parte. A tradicional Semana da Criança ganhava forte caráter educativo, uma vez que a infância – pura, nobre e determinante do futuro da nação – deveria ser aprimorada através de noções de higiene e disciplina. Em contraposição a esse grupo de representações da infância, eram retratados os menores abandonados

ou “viciosos”, que tinham seu status alterado para “moleque”, considerados filhos de pais e mãe displicentes/ausentes, que necessitavam de ordenação e vigilância, conforme as matérias publicadas nos jornais. O estudo da autora apóia-se em outras interpretações a respeito da infância, como as de M.V.Cunha, J.Donzelot e M.Perrot, que indicam dois tipos opostos de representações desses indivíduos sociais, ora “anjos”, ora “moleques”: uma ideal e burguesa, que era apta ao desenvolvimento, e outra popular e naturalmente entendida como perigosa, necessitando de vigilância e ocupação. Segundo a autora, os jornais eram enfáticos na repressão de comportamentos supostamente desordeiros e vadios, propondo ações de prevenção e assistência material e moral.

Por fim, a autora nas considerações finais faz um balanço sobre a trajetória da pesquisa, enfatizando as dificuldades encontradas ao longo do trabalho e as análises que permitiram a apreensão, a partir da perspectiva dos jornais, de um conjunto de representações arquitetadas regionalmente a respeito de mulheres e crianças no início do século XX. Para tanto, foram examinados os conteúdos veiculados pelos periódicos sobre os universos feminino e infantil, a forma como as mensagens eram transmitidas e o público a que eram direcionadas, considerando o fato de que os discursos e imagens refletiam as representações de indivíduos, em geral do sexo masculino, encontrando respaldo na visão de mundo do leitor. Acima de tudo, o livro mostra que os periódicos pretendiam transmitir conteúdos com a finalidade de educar pais, mães, crianças e famílias, contribuindo assim para moldar a sociedade conforme um modelo ideal. Travavam diálogos com um discurso mais amplo (nacional) e com aqueles veiculados pelo senso comum da época, a fim de construir e reconstruir um ideal civilizatório para aquela região do estado de São Paulo.

Destaca-se a riqueza do conjunto documental utilizado pela autora, composto principalmente por periódicos da região do noroeste paulista, até então esquecidos pelo poder público e pela própria população. Através da análise de fotografias, propagandas e artigos é possível entender diversas representações construídas em torno da mulher e da criança, algumas ainda presentes nos dias atuais. A autora não cita teóricos da imagem para analisar as fotografias e propagandas de que faz uso em seu trabalho, mas preocupa-se, sobretudo, com o conteúdo dos materiais analisados, e sua relação com o contexto da época, permeado por interesses educacionais e de construção de um ideal de sociedade. Verifica-se a forma como as propagandas veiculadas nesses periódicos, importantes formadores de opinião na época, colocavam a mulher como um dos alvos em suas campanhas, desempenhando uma

forma de educação orientada para o comportamento feminino ideal, e explorando assuntos relacionados principalmente à beleza e ao matrimônio. Ao trabalhar com os periódicos da Araraquarense a autora contribuiu tanto para a escrita da história regional, quanto para o entendimento das representações a respeito do mundo social, com ênfase em mulheres e crianças. Enfim, não obstante a densidade do conteúdo e o rigor metodológico, resultantes do fato de se tratar de uma tese de doutorado, o livro apresenta uma leitura clara e de fácil apreensão, sendo passível de interesse e entendimento por uma diversidade de públicos.

Recebido em 5/4/2010

Aprovado em 12/4/2010